

2º Domingo da Quaresma

1ª leitura (Antigo Testamento) - Gênesis 22:1-14

O relato do sacrifício de Isaac mostra a intervenção divina para acabar com a prática bastante comum no Antigo Oriente de sacrificar filhos e filhas para obter favores ou acalmar as divindades. Quando tratava-se de filhas, elas eram virgens como a filha de Jefté (Jz 11:29-40). Também nesse relato se busca o fim do sofrimento familiar, já que o pai o fazia não por gosto mas por crer que com isso salvaria a vida de todo o resto da família e até de todo o povo. Para jamais esquecer o horror do sacrifício e não repeti-lo, se criou o costume das filhas de Israel cantarem a cada ano em memória da moça sacrificada. Apesar desse relato de Abraão abolir o sacrifício de primogênitos para o Deus de Israel, essa tradição foi ainda reforçada nos relatos do Êxodo, quando morrem os primogênitos dos egípcios mas não os israelitas (Êx 12:29-36 e 13:1-4). Mesmo assim, pelo menos um rei de Judá chamado Manasses, sacrificou seu filho (não se sabe se a outras divindades ou ao próprio Javé, cf. 2 Rs 21:6a).

O relato deste sacrifício, e seu desfecho podem ser considerados como a proclamação do direito à vida para os primogênitos. Ao mesmo tempo, é um ato de revelação, pois Deus se mostra novamente como quem ama as pessoas fracas e inocentes, sacrificadas por outras com mais poder e autoridade. Quando se lê este texto pode se ficar com raiva de Abraão, que em nenhum momento questiona a repugnante ordem de Deus de sacrificar seu próprio filho. Mas Abraão não questiona porque também era uma vítima desta crença. E se ele não aceitasse o sacrifício e morresse toda sua família e fosse acusado pela desgraça eterna dos seus? Abraão foi tão vítima quanto Isaac e Deus libertou ambos da morte. Por isso quando nos dias de hoje algumas pessoas se levantam contra as mães que abandonam seus filhos e filhas, contra os pais que, querendo educar como foram educados, praticam atos de violência contra filhos e filhas, estão se levantando contra vítimas de uma situação causada pelo domínio de crenças de abuso e dominação que se espalham em todos os níveis da sociedade passando pelo racismo, machismo, má distribuição da informação e da riqueza, e outras. Deus não apenas proíbe o ato do sacrifício, mas oferece uma alternativa. Da mesma forma, para hoje combater estas coisas somos chamados e chamadas a buscar alternativas reais e possíveis para cada situação, lutando para evitar a morte de milhões de pessoas inocentes pelo mundo, vítimas dos interesses dos poderosos que fazem o povo acreditar que se garante o futuro aceitando o sacrifício dos inocentes.

Como viver a Quaresma acreditando na necessidade do sacrifício de inocentes? Como olhar para Cristo que, sendo inocente, morreu para que nenhum outro sacrifício fosse necessário? (HMG)

2ª leitura (Epístola) – Romanos 8.31-39

O texto é um brado veemente de que nada poderá frustrar os planos de Deus e nos separar do seu amor. Por que? Deus está ao lado da humanidade. Deus faz companhia conosco. Essa companhia não é apenas uma declaração: estou com você. Quem está conosco é Aquele que não poupou o seu próprio

Filho por amor de nós. (Vs. 32 - "o próprio Filho" faz parte da tradicional fórmula de fé que Paulo encontrou). O propósito dessa afirmação é dizer que a obra histórica de Jesus é da iniciativa de Deus, (R. Fuller). Também, nessa frase "não poupou", ressoa a estória de Abraão (Gn 22.16). Tudo isso põe em relevo a companhia de Deus conosco, do seu amor, mesmo quando tudo parece correr contra nós.

Nos vs. 33ss. aparece a figura de um tribunal em que há acusação e defesa, ressoando Isaías 50.8ss. Quem vai promover o processo de acusação? Deus que fez a doação de si mesmo em seu Filho é o nosso defensor. Ele faz defesa e intercessão com sua própria vida. Em Hebreus 10.19-23 essa ação é do Sumo sacerdote e Filho, que cuida de nós com o próprio sangue. Essa vida derramada pode purificar-nos da culpa. Dentro da própria Carta aos Romanos, o vs.34 junto com 5.8-10 expressam o que se denomina de doutrina da Justificação pela graça em fé. Observe-se que a intercessão é de quem morreu e ressuscitou, (ver, também, Hb 7.25). Isso salienta a dimensão do alvo vitoriosamente alcançado. Em tudo isso está o amor de Deus por nós, (5.8).

Vs.35 - Quem nos separará do amor de Cristo? Já não é mais uma metáfora do tribunal. Aqui as duas perguntas e respostas anteriores se juntam na direção das coisas a que todos estão sujeitos. Nisso a fé não é ingênua. Ela reconhece todos os tipos de tribulações. (Sl 44.22; veja o eco do Is 53.) A citação do Salmo consiste em interpretar o sofrimento, à luz do amor de Cristo.

Vs. 37 - Toda as formas de adversidades podem ser a ocasião para a sua transformação e manifestação de nossa participação na vitória de Cristo. Para tanto é preciso ter a assistência do Espírito Santo.

Vs.38ss. - Nada poderá... Aí está a enumeração do que seja esse "nada" - todos os tipos de poderes inimagináveis, que estão fora do controle das pessoas. É um brado de vitória em meio às aflições. É o louvor a Deus cujo amor foi vivido e proclamado na graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente em nós, em nossa relação e no mundo, na comunhão do Espírito Santo. Essa atividade justificadora (salvadora) de Deus tem sua história: começa com Abraão e é feita carne e vivida intensamente e testada vitoriosamente por Jesus Cristo, descendente histórico de Abraão. Isso se relaciona com o Evangelho deste domingo. (ST)

Santo Evangelho - Marcos 8. 31-38

Jesus com freqüência se dirige a muita gente quando está falando. No texto do evangelho deste domingo não é diferente. Mas parece que o escritor do Evangelho faz uma distinção bem clara entre a multidão e os discípulos (v.34). Esses dois grupos de pessoas agem e se comportam de forma diferente e a diferença é, justamente, proveniente do compromisso que um discípulo tem com seu mestre. Neste texto Jesus exige que os discípulos se diferenciem da multidão por, pelo menos, três marcas.

Em primeiro lugar, os discípulos são aqueles que são capazes de "renunciar" a si mesmos. A multidão não é capaz disso. Ela não deseja isto. Ela não está disposta a abrir mão do egoísmo, do egocentrismo, de seus planos, de seus interesses, de suas ambições, da obsessão pelo poder e pela riqueza. Ela não está disposta a morrer. Não é assim o discípulo. Ele é capaz de perder

a sua vida (v. 35), ele abre mão dos projetos próprios para cumprir a vontade de Deus.

Em segundo lugar, os discípulos tomam a cruz. Falar de cruz hoje é pregar no deserto. Com o surgimento da "teologia da prosperidade" ninguém mais acha necessário "tomar a cruz". A multidão quer a cura, quer o pão, quer a felicidade, quer o prazer, quer gozar a vida, mas não está disposta a tomar a cruz. Não são assim os discípulos. Eles sabem que a cruz é um sinal de vergonha, de dor e de morte, e que este, e não outro, é o sinal que nos identifica como cristãos. Os discípulos estão sempre dispostos a serem identificados com a multidão descrita no capítulo 11 de hebreus: "homens dos quais o mundo não era digno". Quando os cristãos eram jogados às feras no Coliseu romano, eles faziam o sinal da cruz sobre seu corpo para apontar que eles já estavam "crucificados com Cristo" e que, em função disto, já estavam mortos para este mundo e para seus projetos, mas vivos para o projeto de Deus.

Em terceiro lugar, os discípulos seguem a Jesus. A multidão não faz isso. Ela segue o guru da moda, o mais famoso, o religioso agradável, aquele líder cujo seguimento pode representar um aumento do *status* social. Seguir a Jesus é diferente. Por isso Pedro o negou três vezes. Seguir Jesus significa seguir seu exemplo, significa ir pelo mesmo caminho, significa mantê-lo ao alcance dos olhos, significa seguir perto. Há um antigo cântico que diz: "não importa onde for, seguirei meu Senhor; onde quer que eu vá, onde me enviar, irei".

Ser cristão não é simplesmente, como acusava Kierkegaard, ser batizado, crismado, casado e enterrado sob a bênção da igreja. É assumir uma vida de compromisso. É sair da multidão e virar discípulo. É renunciar, é tomar a cruz e é seguir. (JLFA)